

Laços Familiares, Violência e Perversões na Atualidade

*Rosa Maria Carvalho Reis**

Resumo: O texto enfatiza como o ambiente, desde o início da vida do ser humano, auxilia o indivíduo a lidar com seus impulsos, especialmente os agressivos. A cultura do excesso de oferta leva à sensação de um vazio interior, que encontramos na clínica atual.

Palavras-chave: Agressão. Criatividade. Feminino. Masculino. Ser. Violência.

Em “O Conceito de Indivíduo Saudável” (2005, p. 9), Winnicott diz que:

[...] os púberes não se enganam com a ideia de que os impulsos instintivos sejam tudo, e de fato eles são essencialmente preocupados com o ser, com o estar em algum lugar, com se sentirem reais e em adquirir algum grau de constância objetal. Eles precisam ser capazes de cavalgar os instintos, em vez de serem esmigalhados por eles.

Adiante acrescenta: “Pode ser que numa determinada época os psicanalistas tendessem a pensar na saúde como ausência de distúrbios psiconeuróticos, mas isso não é verdade hoje em dia” (2005, p. 9).

Winnicott valoriza, especialmente, a importância do ambiente no desenvolvimento do sujeito. O bebê, desde o

* Membro Efetivo e Docente da Sociedade Psicanalítica do Rio de Janeiro.

início, começa a constituir sua maneira de ser de acordo com o relacionamento que estabeleceu com o ambiente, por meio das formas sutis com que a mãe o manejou. Winnicott diz:

Ou a mãe possui um seio que é de maneira que o bebê também possa ser, quando bebê e mãe ainda não estão separados na mente rudimentar daquele, ou então a mãe é incapaz de efetuar essa contribuição, caso em que o bebê tem de se desenvolver sem a capacidade de ser ou com uma capacidade mutilada de ser. (1975, p. 116).

Ele, então, observa que, quando o bebê, independentemente do sexo, encontra o seio, o que foi encontrado, de fato, foi o próprio *self*; já a mãe que realiza bem essa tarefa não leva o seu bebê a ter inveja do seio. Para o bebê que viveu essa feliz experiência, o seio é o *self* e o *self* é o seio, por isso Winnicott acredita que a inveja surge diante do seio que fracassa como algo que é. Ele finaliza este texto dizendo: “Depois de ser – fazer e ser feito. Mas primeiramente, ser” (1975, p.120).

Quando há uma dissociação dos elementos feminino (capacidade de ser) e masculino (capacidade de fazer), o sujeito fica sem a possibilidade de viver criativamente. Winnicott vai localizar o nascimento da criatividade no centro e no início da relação primordial. E, para ele, a criatividade primária é um impulso inato que se dirige à saúde.

Ele aponta para a importância de a pessoa se desenvolver se identificando de uma forma saudável com sua família, com a sociedade, porém sem se afastar muito de seus impulsos. A questão seria: como controlar este impulso, sem uma identificação tão intensa que leve à perda de partes significativas do *self*, embora, naturalmente, alguma perda aconteça.

Em algum momento, a autonomia do ser humano precisa ser alcançada levando ao sentimento de estar vivendo a própria vida. Se o desenvolvimento pessoal se realiza de acordo com as tendências herdadas, o sentimento é de que houve uma continuidade de existência, um processo de integração levando à constituição de um *self*. Quando o desenvolvimento não caminha no sentido da integração, o que ocorre são defesas, que

podem se levar pela vida contra o medo de se reviver a desintegração. A organização dessas defesas patológicas contra a desintegração impede o surgimento do impulso criativo, impossibilitando, desta forma, uma vida criativa, como nos esquizoides, cuja organização patológica de defesas contra a desintegração tenta esconder o medo da desintegração do próprio *self*.

Em seu texto “Agressão, Culpa e Reparação” (2005), Winnicott se refere à construção e à destruição, dizendo que os pais podem perceber sentimento de culpa antes de seu filho ter um ano, porém somente aos cinco anos se pode atribuir a aceitação plena das ideias destrutivas. Ele diz que não é tão difícil chegarmos à destrutividade que está dentro de nós quando nos deparamos com a raiva ligada à frustração ou ao ódio de algo que reprovamos ou quando estamos experimentando o sentimento de medo. O difícil é assumir a própria destrutividade em relação ao bom objeto, misturando-se assim o ódio e o amor. Para ele:

[...] se se concebe uma pessoa totalmente integrada, então tal pessoa assume plena responsabilidade por *todos* os sentimentos e ideias que pertencem ao estar vivo. Em contraposição, ocorre uma falha de integração quando precisamos encontrar fora de nós as coisas que desaprovamos. Paga-se um preço por isso: – a perda da destrutividade que na verdade nos pertence.

Estou falando, portanto, de algo que tem que ocorrer em todo e qualquer indivíduo – o desenvolvimento da capacidade de assumir responsabilidade pela totalidade dos sentimentos e ideias desse indivíduo, estando a palavra “saudável” intimamente relacionada ao grau de integração que torna essa ocorrência possível. Uma coisa pode ser dita a respeito da pessoa saudável: ela não precisa estar usando o tempo todo a técnica da projeção para lidar com impulsos e pensamentos destrutivos. (2005, p. 71).

As relações humanas são constituídas de amor e de ódio, sentimentos que se mesclam e envolvem agressividade. Entretanto, para Winnicott, a agressão tem dois significados: pode ser direta ou indiretamente uma rea-

ção à frustração ou é uma das muitas fontes de energia do indivíduo. Uma criança que se mostra agressiva e outra que não manifesta sua agressividade estão apenas mostrando que lidam diferentemente com suas cargas de impulso agressivo.

O início da agressividade do indivíduo vai aparecer nos primeiros movimentos do bebê, ainda na barriga da mãe – na verdade, seus primeiros passos de exploração, possibilitando a diferenciação eu do não-eu.

Uma criança, de acordo com suas características, pode obter alívio por manifestar abertamente sua agressividade, enquanto outra vai dirigir sua agressividade para fora do eu e passar a temê-la, com receio de que a agressividade colocada no mundo externo se volte contra ela. A maneira como o bebê vai manejar essa agressão inata será, para Winnicott, responsabilidade do ambiente. Ele acredita que o bom ambiente pode influenciar, ajudando a integrar a agressão na personalidade, como uma energia proveitosa ligada ao trabalho e ao brincar. Entretanto, no ambiente em que a criança sofreu privações a agressão, que não foi integrada, poderá surgir carregada de violência e destrutividade.

Para Winnicott, a agressividade se refere ao movimento que faz parte da integração; quando não existe *holding*, as coisas não se integram – dando lugar ao aparecimento da hiperatividade, da inquietude, das perversões. Vemos isso nas crianças e adolescentes que, apesar de possuir inteligência, que pode estar até acima da média, nos chegam ao consultório com dificuldade de aprendizagem ou de relacionamento na escola.

Ele entende a agressão como evidência de vida, distinguindo a destruição saudável, que é inconsciente, localizada na fantasia, e a que atua, que é patológica, porque se trata de uma agressão que não se integrou à personalidade. Complementa, dizendo que: “Na saúde o indivíduo pode guardar a maldade dentro de si, para usá-la contra forças externas que ameacem o que julga valioso. A agressividade tem, neste caso, um valor social”, e acrescenta: “Trata-se de um inimigo que, para ser atacado, não precisa ser amado” (2000, p. 295).

A violência aparece de formas diferentes: a voltada para si mesmo, a dirigida ao outro e a coletiva, que se manifesta por meio da política e do social. A violência e a agressão são ações que expressam os afetos de raiva, hostilidade, ódio, frustração. Mesmo que não haja desejo consciente, a violência é uma agressão cujo fim é a destrutividade.

José Otávio Fagundes (2003, p. 730) lembra que:

O ódio não elaborado ao diferente vai ser projetado no outro que será transformado em inimigo. Em nível social, vai eclodir através de disputas e rivalidades por questões políticas, socioeconômicas, raciais, religiosas ou ideológicas, levando a toda sorte de violências. Pode ocorrer mesmo entre os indivíduos com comportamento normal, sem característica antissocial grave e destrutiva, mas que participam de violências quando estão sob influência do grupo, e são permitidas esteadas contra um grupo exterior. Entre os adolescentes, isso é muito comum, como nos esportes, festas, gangues, geralmente por questões de identidade e filiação ao grupo.

E, ao analisar a questão do poder da violência *versus* a violência do poder, Fagundes diz que:

Sabemos também, por outro lado, que a violência pode ser necessária ou ser a única resposta possível numa determinada situação, como aquela ligada a questões de sobrevivência, autopreservação ou crise social. Nesse sentido, os atos terroristas podem não significar necessariamente patologia psíquica do grupo terrorista, mas sim uma reação desesperada a uma situação social muito desigual, em que a distância entre países ricos e pobres aumentou de forma assustadora, gerando condições sub-humanas de vida pelo desemprego, fome, doença e sofrimento psicossocial. Nesse contexto, podemos pensar o atentado do 11 de setembro como emblemático e indicativo de que as diferenças entre o maior poder do primeiro mundo e o menor poder do terceiro mundo foi confrontado. Confrontado porque as diferenças se tornaram grandes demais, gerando abuso e, portanto, violência. O confronto vai além do fundamentalismo *versus* cristianismo ou da intolerância às

diferenças, mas se baseia no ódio gerado pelas desigualdades e exclusão. Embora seja impossível haver igualdade, as diferenças têm de ser não somente respeitadas, mas também não abusadas pelo poder do mais forte sobre o mais fraco, sob falsas alegações maniqueístas de que um representa o Eixo do Bem (o mais forte) e outro o Eixo do Mal (o mais fraco).

Melman, em *O Homem sem Gravidade* (2003, p. 34), fala que: “[...] função do pai é privar a criança de sua mãe, assim introduzindo-a nas leis de troca do objeto desejado por outro, preparando-a para a vida social. Ao interditar o incesto, o pai mostra que algo é impossível”. Ele diz que: “[...] o problema do pai, hoje, é que não há mais autoridade, função de referência. Ele está só e tudo convida, de qualquer modo, a renunciar a sua função e simplesmente participar da festa”.

A sociedade em que vivemos é marcada pelo consumo e pelo excesso de oferta, embora nós, psicanalistas, saibamos que o objeto do desejo é objeto do inconsciente que não se materializa em objeto algum. Nesta sociedade, o horror à falta fica intolerável, criando um vazio na vivência de subjetividade.

Passamos, então, de uma cultura que era fundada no recalque, levando à neurose para uma que promove a falta de limites e a perversão.

A perversão, dessa forma, se torna normal, repercutindo nas relações sociais; o parceiro deixa de ser fonte de prazer, é logo substituído. O luto perdeu seu lugar porque hoje os objetos são facilmente descartados ou porque a cultura nos aponta para a medicalização: não é apropriado mostrar dor, na era da felicidade e do consumo. Mostrar sentimentos que possam levantar a possibilidade de sensibilidade ou sofrimento passou a ser sinal de fragilidade ou fracasso. Sentimentos como empatia, preocupação com o outro, culpa, responsabilidade e reparação são cada vez menos valorizados. Melman afirma que, hoje, onde comumente se encontrava o recalque, encontramos a renegação:

Eu sei... Mas mesmo assim... Ao mesmo tempo em que se sabe, não se sabe. Diante de só se pensar em alcançar o próprio prazer, as pessoas se autorizam a fazer, sem refletir sobre as consequências de suas ações ou ter sentimento de culpa ou responsabilidade pelas consequências de seus atos. O perverso leva sua fantasia à prática, faz o que o neurótico apenas imagina, por puro impulso a que ele não consegue resistir, infringindo leis sociais e julgamentos morais. Porém, não querem ser descobertos, fazem às escondidas; diferente do psicopata, que pratica seu ato abertamente e o nega, acreditando que o faz eticamente. Podemos dar inúmeros exemplos: o pai que defende o filho que agrediu uma trabalhadora, dizendo que ele pensou se tratar de uma prostituta, como se pudéssemos justificar a violência, desqualificando ou desumanizando o outro; a compra de objetos roubados, fitas pirateadas, objetos de marca, falsos, comprados livremente, pequenas perversões que vão se tornando corriqueiras. Como parece que todo mundo faz, as vamos assimilando como coisas dos dias atuais, e assim abrindo concessões. Não podemos compreender o sujeito sem levar em conta o contexto social em que ele vive. Constatamos profundas mudanças no contexto social que afetam as pessoas e a sua relação com o mundo: novos modelos de família, esvaziamento da figura paterna, crescimento de lares chefiados por mulheres que trabalham todo o dia para sustentar a família, ausência de referências, mais pessoas optando por morarem sozinhas, famílias compostas por número menor de filhos, emancipação feminina e suas consequências, afrouxamento dos laços afetivos, quebra de valores importantes para o indivíduo e para a sociedade, e desvalorização da vida humana. Eu, como muitas pessoas, ainda estava perplexa, horrorizada sobre a história da moça de 15 anos assassinada pelo namorado, após quatro dias de cativo, porque não queria reatar o namoro. Esse foi o motivo por ele alegado para matá-la, enquanto a mãe, ainda no velório, diante do corpo da filha, declara perdoar o ex-namorado. Tudo vira um grande espetáculo, o morto ou a família ou ambos viram heróis, com seu espaço de celebridade ou moda de troca: “o Estado tem que indenizar” (2003, p. 34).

Outras características também importantes da contemporaneidade são: a substituição do ser pelo ter e fazer; o tempo como sinônimo de

instantaneidade, levando à impossibilidade de tempo para pensar; excesso de informações e manifestações da cultura; substituição da construção da subjetividade por uma identidade fluída; novas maneiras de exercer a sexualidade e, por conseguinte, novas configurações tomando o lugar das tradicionais representações de gênero. Todas essas questões levando a novos modos particulares de sofrimento.

Nesse contexto, a imagem e o narcisismo predominam, o tempo fica cada vez mais curto para reflexão. A cultura da imagem supervaloriza a imagem, colocando-a no lugar da palavra. Vamos ficando cada vez mais voltados para dentro, criando, eventualmente, um vazio emocional. Isso gera uma relação com o outro menos humana, pois cada um está exclusivamente em busca da própria felicidade.

Falando da clínica atual, Edna Vilete (1993/1994, p. 33) esclarece que:

O tipo predominante de paciente que hoje procura nossos consultórios são pessoas que não mais apresentam sintomas psiconeuróticos definidos como antes, mas queixas vagas e difusas – uma impossibilidade de sentir, um vazio na existência, um desconhecimento de si mesmo, um empobrecimento nas relações afetivas, e que tentam compensar com uma avidez de ganhos, de bens de consumo, de sexualidade promíscua ou uso de drogas. Outros, rompida a redoma frágil e fria onde se encerraram e se protegeram, se sentem diluir e esparramar em medo e angústia insuportáveis que não conseguem definir, e que tentam conter em reações somáticas de maior ou menor gravidade.

Em “Criatividade e suas Origens” (1975), Winnicott diz que homens e mulheres têm diferenças e semelhanças. Entre as coisas em comum, elege a criatividade “como algo que homens e mulheres compartilham, ou compartilham a aflição pela perda ou ausência do viver criativo”. É a criatividade primária e o viver criativo que levam à possibilidade da saída pela saúde, sentindo que a vida vale realmente ser vivida.

Family Ties, Violence and Perversion in ours Days

Abstract: The paper emphasizes the importance of the human environment, from the beginning of human life, in helping the individual to deal with his impulses, specially the aggressive ones. It is also about the excessive material offer in the present culture leading to feelings of emptiness found in today's patient.

Keywords: Aggression. Being. Creativity. Masculine. Feminine. Violence.

Lazos Familiares, Violencia y Perversiones en la Actualidad

Resumen: El texto enfatiza como la importancia del ambiente, desde el principio de la vida del ser humano, ayuda al individuo a trabajar con sus impulsos, especialmente, los agresivos. La cultura del exceso de la oferta lleva la sensación de un vacío interior que percibimos en la clínica actual.

Palabras-clave: Agressión. Creatividad. Femenino. Masculino. Ser. Violencia.

Referências

FAGUNDES, J. O. A Psicanálise Diante da Violência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 37, n. 2/3, p. 721-736, 2003.

MELMAN, C. **O Homem sem Gravidade** – gozar a qualquer preço. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2003.

VILETE, E. Psicanálise – seu futuro é uma ilusão? **Revista de Psicanálise da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre**, v. I, n. 3, 1993/1994.

WINNICOTT, D. W. **O Brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

Artigo

Copyright © *Psicanálise* – Revista da SBPdePA

Rosa M. C. Reis

Rua Ataulfo de Paiva 135 sala 504 – Leblon

22440-032 Rio de Janeiro – RJ – Brasil

E-mail: rosamcreis@terra.com.br